

PARTITO COMUNISTA D'ITALIA E ANTIFASCISMO (1921-1923)

COMMUNIST PARTY OF ITALY AND ANTI-FASCISM (1921-1923)

PARTITO COMUNISTA D'ITALIA E ANTIFASCISMO (1921-1923)

Marília Gabriella Machado¹

Rodrigo Morente de Andrade²

RESUMO: Este texto analisa a fundação e o direcionamento do *Partito Comunista d'Italia* (PCd'I) nos três primeiros anos do fascismo. Os artigos de Antonio Gramsci surgem enquanto interlocutor de grande importância do fundador do Partido, Amadeo Bordiga. Segue-se o método diacrônico e a filologia vivente com o objetivo principal de análise do período e das publicações de ambos os autores.

PALAVRAS-CHAVE: PCI. Gramsci. Bordiga. Fascismo. Antifascismo.

ABSTRACT: This text analyzes the foundation and direction of the Communist Party Of Italy and anti-fascism (PCd'I) in the first three years of fascism. Antonio Gramsci's articles appear as a very important interlocutor of the founder of the Party, Amadeo Bordiga. It follows the diachronic method and the living philology with the main objective of analyzing the period and the publications of both authors.

KEYWORDS: PCI. Gramsci. Bordiga. Fascism. Anti-fascism.

1 Professora substituta da UNESP-FFC. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UNESP/FFC), Coordenadora de Comunicação IGS-Br m.machado@unesp.br

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UNESP/FFC), rodrigo.morente@unesp.br

RIASSUNTO: Questo testo analizza la fondazione e la direzione del Partito Comunista d'Italia (PCd'I) nei primi tre anni del fascismo. Gli articoli di Antonio Gramsci appaiono come un interlocutore di grande rilievo per il fondatore del Partito, Amadeo Bordiga. Segue il metodo diacronico e la filologia vivente con l'obiettivo principale di analizzare il periodo e le pubblicazioni di entrambi gli autori.

PAROLE CHIAVE: PCI. Gramsci. Bordiga. Fascismo. Antifascismo.

INTRODUÇÃO

A Revolução Bolchevique (1917) mostrou ao mundo a possibilidade de transformação radical das relações humanas e a ascensão do poder e do controle operário. Com aspectos fundamentais distintos do Ocidente, a “significação internacional do poder soviético e dos fundamentos da teoria e da tática bolchevique” (LENIN, 1977, p.2) exerceram influência para diversos países do leste europeu. Durante os anos de 1919-1920, a última onda revolucionária do século XX atingiu a Itália com a experiência dos Conselhos de Fábrica e ocupação de fábricas na industrializada Turim. Contudo, no mesmo cenário de revolução socialista, a guerra imperialista se fazia presente e atingia também o país europeu. A crise orgânica causada pela guerra (1914-1918) evidenciava ainda mais a crise da hegemonia liberal que o país vivenciava.

O ano de 1917, marcado por mais uma mudança no cenário internacional, abalou novamente as estruturas da Europa. A luta de classes na Itália, em campo aberto, mostrava claros sinais de ser o segundo momento de fazer a revolução - ainda que o PSI tivesse perdido a chance em 1915 -. Ou seja, as contradições se faziam presentes e o momento parecia adequado para uma revolução:

De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em grilhões das mesmas. Ocorre então uma época de revolução social. Com a transformação do fundamento econômico revolucionária se, mais devagar ou mais depressa, toda a imensa superestrutura. [...] As relações de produção burguesas são a

última forma antagônica do processo social da produção, antagônica não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que decorre das condições sociais de vida dos indivíduos; mas as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a resolução deste antagonismo." (ENGELS, s/d, p.306).

A estratégia revolucionária de Lenin para os partidos social-democratas era clara: transformar a guerra imperialista em guerra civil, bem como foi possível de ser realizado na revolução de fevereiro-março de 1917. O segundo passo seria o da "passagem do poder de Estado para o proletariado" com a finalidade de romper com os interesses do capital para o proletariado "libertar a humanidade dos horrores da guerra, dar-lhes os benefícios de uma paz duradoura.". (LENIN, 1980, p.30).

A estratégia de Lenin teve o objetivo de transformar a guerra imperialista em várias guerras civis nacionais que eclodissem em confrontos armados. Para essa tarefa seria necessário que o proletariado desenvolvesse consciência de classe e que a revolução e o socialismo seriam internacionalistas, de forma que quebrar com as frentes nacionalistas se mostrava de suma importância para destruição do imperialismo. A estratégia leniniana propunha o aproveitamento da situação e do armamento do proletariado e do campesinato, que estava na guerra, para transformação da guerra em guerra revolucionária.

É possível observarmos a relação com a concepção de Marx sobre a questão do desenvolvimento histórico e da economia política alemã. Ao levarmos em consideração que

"O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual"; todas as relações sociais e do Estado, todos os sistemas religiosos e jurídicos, todas as visões teóricas, que emergem na história, só podem, então, ser compreendidas se as condições de vida materiais da época correspondente forem compreendidas e se as primeiras forem derivadas destas condições materiais. (ENGELS, s/d, p.306).

No entanto, para os capitalistas, a guerra significou um período de bonança e de lucros, enquanto a miséria e a fome se espalhavam pelo país. Todas “as condições da produção econômica normal foram subvertidas” não havendo “mais preocupação com o problema dos custos”, porque a crise social que se alastrava era acompanhada “pelos enormes lucros e especulações escandalosas dos industriais.”. Continha apenas o problema de aumentar a produção de armas, veículos, sapatos e tecidos com operários que trabalhavam “em turnos contínuos”, “ainda meninos entre dez e doze anos” que “eram submetidos a turnos extenuantes, a ritmos infernais de trabalho.”. (SECHIA, 1971, p.46).

É certo afirmar que a Guerra Imperialista (1914-1918) transformou radicalmente as relações de força da Europa e o desenvolvimento capitalista dos países envolvidos, centrais e periféricos. Com o desdobramento da crise dos Bálcãs (1908) para as guerras balcânicas - devido à complexidade da situação do Oriente e dos interesses da Alemanha, da Áustria-Hungria, Rússia, Inglaterra e Turquia -, além da afirmação das diversas nacionalidades que buscavam se definir, tornou-se possível o cenário futuro do atentado de Sarajevo (1914) que demarcou o início da Primeira Guerra Mundial e da crise orgânica iminente que atingiu a Europa nos anos seguintes. A Guerra Imperialista alcançava a consciência da classe dominante e desenvolvia nacionalismos por meio da identificação dos povos (búlgaros, sérvios, eslavos, anglo-saxões, entre outros) de forma ampla e complexa, mesmo que não se tratasse apenas de uma guerra ideológica, pois ideologias conservadoras e reacionárias estavam representadas sob o véu do nacionalismo. No cenário internacional, as alianças entre países imperialistas não deixavam de ser pragmáticas com foco no estabelecimento da construção de Impérios e da consolidação de democracias liberais conforme desenvolvia o capitalismo monopolista.

A guerra, ação violenta que submete o outro, é continuação política e consequência última por outros meios que envolvem diplomacias, deliberações, alianças, propagandas e a moralidade da população. No entanto, não se pode perder de vista o nexos entre guerra, comércio e política, pontos essenciais para a divisão internacional do trabalho a ponto que a Europa desenvolvesse direção e dominação em

todo o mundo. O capital financeiro, momento econômico anterior a Primeira Guerra, foi capaz de “ganhar o máximo de territórios possíveis, buscando fontes de matérias-primas com o medo de ficar para trás na luta pelo controle do último pedaço de terra ainda não dividido.” (LENIN, 1994, p.124).

O cenário de guerra e revolução alarmava a Itália, principalmente a classe operária e camponesa, as mais prejudicadas pela fome e miséria. A crise orgânica assinalava dois caminhos possíveis de superação: a realização de uma revolução socialista jacobina ou uma revolução passiva, levada a cabo pelos fascistas e sustentada pela burguesia e pequena burguesia. Os fascistas se organizavam desde 1919, quando do seu surgimento na *Piazza San Selpolcro*, em Milão. Na ocasião, os *fasci di combattimento*³ de Benito Mussolini proclamavam a violência, não possuíam programa político definido, apenas o objetivo de destruturação da classe trabalhadora e dos socialistas. O movimento antipartidário exigia também o fim da monarquia e da velha ordem, bem como a realização de uma política expansionista e um discurso demagógico antiplutocrático. As 120 pessoas reunidas por Mussolini, em 23 de março de 1919, “eram majoritariamente jovens fascinados pelo mito dos Arditi de guerra, do irracionalismo filosófico e do nacionalismo interventista.” (FRESU, 2017, p.47).

O primeiríssimo fascismo, ainda movimento, não era restrito apenas aos ataques à propriedade, mas encontrava na violência, no antiintelectualismo, na rejeição a sociedade estabelecida, o apoio de seus três grupos seguidores: os veteranos de guerra, sindicalistas pró guerra e os intelectuais futuristas. Os jovens fascistas, pautados principalmente na ação violenta, fortificavam seus ataques a jornais, livrarias, fábricas e militantes socialistas. Nos anos de 1919 e 1920, a organização dos Conselhos de Fábrica na industrializada Turim lançava importante experiência de autogestão e de

3 Gianni Fresu (2017) possui importante trabalho sobre o fascismo. Em seu livro *Nas trincheiras do ocidente: lições sobre FASCISMO e ANTIFASCISMO*, dedica uma parte específica de suas reflexões a respeito da Primeira Guerra Mundial. Compreende que no período “a Europa dava ares de um estado de potência sem limites, com possibilidade de ulterior desenvolvimento econômico e domínio mundial.” No momento em que a Europa buscava consolidar sua hegemonia ao redor do mundo, bem como a expansão das instituições liberais, “a competição imperialista sempre mais violenta entre as potências ocidentais, particularmente entre a Alemanha e a Inglaterra, criou, entre 1905 e 1913, um estado permanente de tensão sempre próximo a transformar-se em conflito aberto e direto.” A guerra gerada em 1914 foi exatamente o processo máximo, a consequência última da tensão anteriormente desenvolvida. O resultado foi uma guerra de massa que determinou “o declínio das potências europeias, esmagadas pelas dívidas por causa da passagem do primado econômico mundial aos Estados Unidos.” (FRESU, 2017, p.42).

autoeducação na fábrica e na lógica de um trabalho emancipado. O elemento principal foi justamente um processo de desenvolvimento da consciência operária. Observa-se que

"Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência." A proposição é tão simples que teria de ser evidente para quem não esteja preso nas malhas do logro idealista. A coisa tem, porém, as mais altas consequências revolucionárias, não apenas para a teoria, mas também para a prática: "Numa certa etapa do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é apenas uma expressão jurídica delas, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham até aí movido. (ENGELS, s/d, p.306).

No entanto, ainda assim, o movimento operário dos Conselhos de Fábrica não foram capazes de se expandir para outras cidades da Itália e a revolução acabou derrotada em fins de 1920. Por outro lado, o *Partito Socialista Italiano* (PSI) vivenciava forte crise de direção por não ser capaz de direcionar as massas, sendo apenas espectador do movimento e, de certa maneira, auxiliando em sua bancarrota. O contexto nacional mostrava que “a maré revolucionária estava em refluxo e iniciava-se a reação.” (FIORI, 1979, p.181).

O movimento operário, que se encontrava derrotado, estava também pulverizado, disperso e isolado. Nos anos seguintes a classe operária italiana vivenciaria mais do que uma reação da burguesia e dos grandes capitalistas, pois o processo de revolução passiva, desencadeado em 1921 e finalizado em 1926 com o golpe de Estado, assinalava a saída para a crise por meio da “ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro” (PACHUKANIS, 2020, p.26) conforme rearticulava o bloco histórico burguês.

A FUNDAÇÃO DO PCD'I

O Congresso de Livorno, entre os dias 15 a 21 de janeiro de 1921, concentrou diversas frações atuantes do PSI. A *Frazione di concentrazione socialista*, com a

liderança de Filippo Turati e a moção de Reggio Emilia; os *Comunisti unitari*, com a liderança de Serrati e a moção de Firenze; os *Intransigenti rivoluzionari*, com pequena corrente ligada a Lazzari; os *Comunisti intransigenti*, com a moção de Imola, ligados a esquerda do Partido com o grupo de Bordiga e de Bombacci, assim como o grupo *ordinovista*, do *Semanário L'Ordine Nuovo*, de Antonio Gramsci, Umberto Terracini, Angelo Tasca e Palmiro Togliatti. Essa última corrente tinha como objetivo a expulsão dos reformistas do PSI ou então a fundação de um Partido Comunista.

No teatro Goldoni, no último dia do Congresso, a fração comunista de Amadeo Bordiga se apresentava como a única capaz de fundar um novo Partido, mas sem compreender os perigos iminentes do fascismo que se desenvolvia com apoio da pequena burguesia. Após inúmeras falas, houve a convocação para o teatro San Marco com o objetivo principal de fundação do novo Partido revolucionário organicamente ligado à classe operária. Para tanto, o Partido Comunista da Itália surgia da cisão orgânica do movimento operário no cenário da derrota revolucionária, ao mesmo tempo em que o bloco histórico burguês buscava no encontro do fascismo, com a ideologia liberal, a solução da crise orgânica na revolução passiva.

O sectarismo e extremismo de Bordiga, presente desde sua juventude socialista em Nápoles, teve alguma importância para os próximos anos de direção do Partido, principalmente devido sua capacidade organizativa em constituir quadros políticos ligados à suas posições (FRESU, 2020). Desde a fundação, até fins de 1923, Gramsci esteve isolado. O representante do grupo de *L'Ordine Nuovo* foi Terracini, mas em publicações no semanário é possível observar a diferença crucial na concepção de Partido para Gramsci e Bordiga.

Gramsci (1974, pp.56-57) delineava alguns pontos de sua teoria de partido e classe revolucionária: “o Partido Comunista é o partido político historicamente determinado da classe operária revolucionária.”. Enxergava a atuação dos fascistas com tropas escolhidas e bem treinadas nos desfiles demonstrativos para mostrar a organização militar do grupo reacionário. Para o autor, o desenvolvimento da psicologia de guerra foi um fator essencial para aumentar o alarmismo e os rumores.

Os fascistas utilizavam da violência e das palavras de ordem com o objetivo de aterrorizar o proletariado e qualquer reação antifascista: “o primeiro a ser morto será um estudante socialista, queimaremos *L’Ordine Nuovo*, queimaremos a *Camera del Lavoro*, queimaremos a livraria da Aliança Cooperativa Torinese.”. Para Gramsci, o fascismo possuía o objetivo de “desintegrar forças proletárias por meio do pânico e da incerteza incômoda da espera, além de determinar nos fascistas o hábito da meta a ser alcançada.”. (GRAMSCI, 1974, p.55).

Bordiga compreendia o fascismo como uma reação da burguesia e, assim como Gramsci, contava com a classe operária para combater o período reacionário que parecia surgir. A análise/atuação do PCd’I, encabeçada por Amadeo Bordiga em 1921 compreendia que os comunistas “sabem que dentro dos limites convencionais da legalidade burguesa nunca voltaremos”, assim como “declaram que a história universalmente colocou esse dilema: ou se propõe a realizar a ditadura aberta da contrarrevolução ou a fundação da ditadura revolucionária do proletariado.”. (BORDIGA, 1921)⁴.

A primeira análise de Tasca sobre o fascismo é semelhante ao que era comum no movimento comunista nacional: a de uma contrarrevolução burguesa devido à fase imperialista do capitalismo. Enxergava “um aspecto do conflito entre o desenvolvimento do proletário e a capacidade defensiva da burguesia.”. (TASCA *apud* RANCON, 2011, p.130). Gramsci compreendia que a maneira como a situação se desdobrava em seu país, sendo o fascismo a contrarrevolução reacionária da burguesia, apenas poderia contar, para sua ineficiência, com o embate das massas operárias, “porque apenas uma insurreição das grandes massas pode quebrar um golpe de força reacionário.”. (GRAMSCI, 1974, p.187)⁵.

Em março de 1921, quando o fascismo assume a liderança política e violenta da guerra de posição, Gramsci (1974, p.118) reconhece que o fato de não ter havido uma revolução socialista nos anos anteriores, como superação da crise orgânica,

4 *Contro la reazione*, artigo de 26 de março de 1921 para o semanário *L’Ordine Nuovo*.

<<<https://www.marxists.org/italiano/bordiga/1921/3/26-reazione.htm>>>.

5 *Socialisti e fascisti*, artigo de 11 de junho de 1921 publicado em *L’Ordine Nuovo*.

resultara na “situação em que vivemos hoje” semelhante “à de uma comunidade que vive à mercê de forças naturais desencadeadas. Aí daqueles que não entendem esta situação.”.

É nossa culpa não ter entendido por dois anos quais teriam sido os eventos, é nossa culpa ter deixado passar muito tempo e não ter tido a audácia da parada vigorosa do andamento fatal das coisas! Uma imensa tristeza invade nossos corações, se refletirmos sobre o horror da situação italiana e sobre o futuro que está sendo preparado para o povo. (GRAMSCI, 1974, p.118).

A autocrítica de Gramsci demonstra a desorganização teórica do PCd'I e da classe operária frente ao fascismo. É válido recordar que, em 1920, no texto *Per un rinnovamento del Partito Socialista*, Gramsci enunciava o que estava por vir: “a fase atual da luta de classe na Itália é a fase que precede ou a conquista do poder político, por parte do proletariado revolucionário (...) ou uma tremenda reação por parte da classe proprietária e da casta governativa.”. (GRAMSCI, 1954, p.117).

O fascismo de 1921-23 se estabelecia no campo da violência política contra a classe operária: “as Câmaras do Trabalho eram saqueadas e incendiadas, bandos fascistas tomavam de assalto as redações dos jornais democráticos, os dirigentes de esquerda eram perseguidos”, além de “presos, espancados, mortos.”. A revolução socialista jacobina não mais parecia possível devido aos ataques constantes da burguesia que tinha nas esquadras de ação fascista o desmantelamento das instituições e organizações operárias. A dificuldade do momento, às vésperas de 05 de novembro de 1922, do IV Congresso da Internacional, trazia a principal questão: como os partidos operários e partidos democráticos deveriam reagir à onda de violências? (FIORI, 1979, p.196-197).

O semanário *L'Ordine Nuovo*⁶ durante 1921 e 1924 foi instrumento de luta

⁶ *L'Ordine Nuovo* teve seu primeiro número publicado em 1º de maio de 1919. A revista semanal de cultura socialista foi elaborada pelos jovens Antonio Gramsci, Umberto Terracini, Angelo Tasca e Palmiro Togliatti. Durante os Conselhos de Fábrica a revista passou a ser porta voz do movimento e dos operários organizados de Turim. De acordo com Fiori (1974, p.186), em 1921 “havia mais dois diários comunistas: *Il Lavatore*, em Trieste, dirigido por Ottavio Pastore, e *Il Comunista*, em Roma, dirigido por Togliatti.”. *L'Ordine Nuovo* continuava a ser dirigido por Gramsci, mas “era agora um órgão oficial de partido, subordinado à linha do mesmo – que era a de Bordiga -.”.

contra o primeiro fascismo, assim como de propaganda política para o Partido Comunista da Itália. No artigo *Terrore e Orrore*, de 23 de março de 1921, Gramsci novamente relaciona o fascismo com a crise econômica e social que o país enfrentava com a “crise revolucionária” que “levaria a sérios desequilíbrios morais e aos mais monstruosos excessos.”. A relação com a ausência de uma revolução jacobina no período do *Risorgimento*⁷ é subliminar: “O povo italiano, ao longo de sua história, nunca soube o que significa justiça e o que significa defesa legal e imparcial.”. (GRAMSCI, 1974, pp.118-119).

A base político-social do fascismo relacionada com a economia estava na ““gente miúda” e nos intelectuais; mas na realidade, sua estrutura permanece plutocrática e torna-se impossível romper as ligações com o grande capital financeiro”, para tanto “é o próprio Estado que se torna o maior organismo plutocrático, a *holding* das grandes massas de poupança dos pequenos capitalistas. (GRAMSCI, *Q.22*, §14, pp.2.177, 1977).”.

Em 1921, no artigo *Sviluppi del fascismo*, Gramsci se conscientizava, diferente de Bordiga, que o fascismo guiaria um golpe de Estado, por mais que o golpe já houvesse ocorrido, pois “em muitas regiões os fascistas já tinham substituídos as autoridades oficiais por organismos extralegais armados, livres para aplicar toda e qualquer punição contra opositores” inclusive “a morte, sem medo de serem interrompidos.”. (FRESU, 2017, p.125).

A MARCHA SOBRE ROMA E AS TESES SOBRE ROMA

Durante os anos de 1922, a violência fascista, encabeçada pelas esquadras, estava fortificada e passava de incêndios, espancamentos e assassinatos para “ocupação violenta de cidades inteiras, sem que as autoridades opusessem resistência séria a sua ação.”. (PAXTON, 2007, p.152). No Congresso Fascista anual de 24 de outubro de 1922, Mussolini “ordenou que os Camisas Negras tomassem prédios públicos,

⁷ Ver: MACHADO, M. *Gramsci e a aliança operário-camponesa*. *Revista Ensaios*, Vol.11, julho – dezembro de 2017, pp.67-78. Disponível em << <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/37222>>>.

confiscasse, trens e se reunissem em três pontos em torno de Roma.”. A Marcha Sobre Roma foi liderada por

Italo Balbo, veterano de guerra e chefe dos *squadristi* de Ferrara; o general Emilio de Bono; Michele Bianchi, ex sindicalista e fundador do intervencionista *Fascio* de Milão, em 1915; e Cesare Maria del Vecchi, o líder monarquista do fascismo piemontês. O próprio Mussolini, prudentemente, esperou no escritório de seu jornal, em Milão, não muito

longe de um possível asilo na Suíça, no caso de as coisas darem errado. Em 27 de outubro, os *squadristi*, sem encontrar oposição, tomaram agências de correios e estações de trem em várias cidades do norte da Itália. O governo italiano estava mal-equipado para fazer face a esse desafio. Na verdade, um governo de fato praticamente deixara de existir em fevereiro de 1922. (PAXTON, 2007, p.152).

Em relação a Marcha Sobre Roma, Paxton (2007, p.156) constata acertadamente que

não foi o poderio fascista que solucionou a questão, mas sim a relutância dos conservadores de testar o próprio poderio contra eles. A “Marcha sobre Roma” foi um blefe gigantesco que acabou funcionando, e que ainda funciona na ideia que o grande público faz da “tomada do poder” pelos fascistas. Foi apenas em 31 de outubro, com Mussolini já instaurado no cargo, que cerca de 10 mil Camisas Negras, já então alimentados e providos de roupas secas, receberam, como prêmio de consolação, a permissão para realizar uma parada pelas ruas de Roma, onde provocaram incidentes sangrentos. Naquela mesma noite, o primeiro-ministro despachou seus embaraçosos esquadrões para fora da cidade em cinquenta trens especiais. Mussolini, mais tarde, fez tudo o que pôde para estabelecer o mito de que seus Camisas Negras haviam tomado o poder por sua própria vontade e por sua própria força. (PAXTON, 2007, p.156).

Após a Marcha⁸ muitos pensavam que o fascismo passaria da ilegalidade “do esquadrismo para a fase da legalidade” apesar “de algumas diretrizes hipócritas de

⁸ Em 1922, o *Partito Nazionale Fascista* contava com 300 mil inscritos, sendo 782.979 em 1923. (DE FELICE, 1966).

Mussolini.”. (SECCHIA, 1971, p.157). A violência dos *fasci* continuava mais forte e com muitos ataques, inclusive com o assassinato do deputado Matteotti que iniciara em 1924 o *Aventino*. Para Mussolini (1956, p.50)⁹ “se não tivéssemos tomado Roma, o fascismo teria fracassado em sua tarefa, teria perdido seu objetivo”, começaram “a obra de rastreamento e de polícia que ainda não está terminado e deve continuar”, assegurava que “esse trabalho será continuado de maneira inflexível, tenaz e sistemática” “até que todas as oposições mais ou menos mesquinhas e miseráveis sejam quebradas para sempre.”.

Em 1922, no artigo *La sostanza della crisi*, Gramsci compreendia que para resolver o problema da crise orgânica, o Partido Comunista deveria ser capaz de absorver o proletariado para transformar a conjuntura que a Itália vivia. De acordo com Fresu (2017), o processo ocorreria de duas maneiras: com um golpe de Estado reacionário, pelos fascistas, ou com a cooptação de grupos católicos e socialistas. Na análise de Gramsci, o problema do fascismo estaria também na formação tradicional do Estado italiano, resultado da “linha de uma classe dominante que tem interesses opostos àqueles das massas e quer exercer domínio sobre ela com violência e fraude.”. A questão da violência fascista seria “característica de todos os regimes aparentemente “democráticos” formados no pós-guerra.”. (GRAMSCI, 1974, p.454).

Em *I rapporti delle forze social e politiche in Italia*, Bordiga traça um panorama sobre a formação do Estado italiano e a relação Norte-Sul. Compreende que o fascismo, enquanto “contra-ofensiva burguesa” não modificava “o rumo na política do Estado italiano, mas a continuação natural do método aplicado antes e depois da guerra pela “democracia”. (BORDIGA, 1922). No entanto, a análise equivocada de Bordiga demonstrava que o secretário geral do Partido não era capaz de captar a essência do fascismo, apenas se dedicava a compreender e fazer frente à colaboração do PSI com os interesses da burguesia e com as políticas liberais e democráticas que existiam no Parlamento.

⁹ *Al popolo di Torino*, discurso de Mussolini (24 de outubro de 1923) no balcão do Palácio da Prefeitura de Turim.

Para tanto, a luta de Bordiga e do Partido esteve focada na “contra os socialistas – “a esquerda burguesa” -, apresentando uma análise incrivelmente superficial da situação italiana.”. Nas *Teses sobre Roma*, escritas para o II Congresso do Partido Comunista Italiano (março de 1922), Bordiga exclui “a possibilidade de um golpe fascista e, mais amplamente, omitiu-se quase completamente o perigo do movimento de Mussolini.”. (FRESU, 2020, p.150), além de evidenciar a concepção de Partido para Bordiga: um partido de classe, de vanguarda e restrito, no qual a consciência e a vontade deveriam ser desenvolvidas por meio da atividade dos militantes no organismo coletivo.

Durante a direção política de Bordiga, Gramsci não se manifestava abertamente contra tais concepções. Será no documento *Il Partito Comunista e I Sindacati: Risoluzione proposta dal Comitato centrale per il II Congresso del Partito Comunista D'Italia*, redigido para ser discutido no II Congresso do PCd'I, em Roma, que Gramsci e Tasca se manifestam sobre tais questões. A concepção central é que o Partido surgiu “ao mesmo tempo em que essas formações pequeno-burguesas, perturbadoras, agindo de acordo com os interesses do regime capitalista, surgem das massas.”. O PCI tinha como objetivo “reconstruir a consciência unitária da ação do movimento sindical, inserindo os objetivos específicos do sindicato no quadro das necessidades sociais criadas pela atual fase do mundo.”. Para tanto, o antifascismo deveria estar no terreno da luta contra a guarda branca, nas regiões martirizadas “pelo terror fascista”, em que seria o “terreno mais útil para restaurar a unidade de interesses e sentimentos entre trabalhadores e camponeses” que fora “idealizada para 1919 e violentamente destruída pela reação.”. (GRAMSCI & TASCA, 1974, pp. 503-505).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As posições intransigentes e sectárias de Bordiga continuaram em 1923. Entendia o fascismo como a “consequência inevitável de um longo período de influência progressiva no aparato governamental” que contou com “os partidos e conglomerados” que “sem poder não acionaram o aparelho que estava em suas mãos

para desafiar os fascistas, mas concordaram abertamente com eles.”. (BORDIGA, 1923)¹⁰. Tais posicionamentos, e em grande medida do PCd’I, “receberam críticas incisivas” no IV Congresso da Internacional Comunista, colocando o líder do Partido na esfera do isolamento. Nesse ano, a violência fascista já estava institucionalizada “e passou a atuar de maneira coordenada com as forças repressivas estatais, ambas obedecendo agora a um mesmo comando.”. (DEL ROIO, 2019, pp.111-112).

Em Moscou, Gramsci adquiriu uma perspectiva internacional sobre os acontecimentos de seu país, assim como da experiência do movimento operário, “entrando para a linha da refundação comunista, dimensionada pela resistência ao fascismo e pela fórmula política da frente única.”. (DEL ROIO, 2019, p.121). Em termos de análise, “interpreta o fascismo como uma reação a uma fase de profundas transformações sociais ligadas à Primeira Guerra Mundial e sobretudo à Revolução de Outubro”, sendo “um fenômeno historicamente determinado”, mas “sua origem precisaria ser investigada” a partir do “*fim da fase expansiva da revolução burguesa e a mudança da “guerra manobrada” para a “guerra de posição.”*”. (FRESU, 2017).

Com olhar voltado para a construção de um novo Estado, e ao contar com a participação do movimento operário na luta antifascista, Gramsci deixara de notar que a forma de ofensiva do Capital havia se alterado. Uma das linhas fundamentais do fascismo, que desenvolveu no cárcere (Q.22, §14, pp.2.177, 1977), esteve direcionada para o mundo do trabalho e para a relação capital *versus* trabalho. Nessa esfera o fascismo agia como um esmagador da subjetividade político-social com a criação de sindicatos corporativistas enquanto arrematava as classes subalternas transformando diretamente a relação entre classe dominante e classe dominada. “Mas o simples controle não é suficiente”, pois “não se trata apenas de conservar o aparelho produtivo tal como se existe num determinado momento” e sim de “reorganizá-lo a fim de desenvolvê-lo paralelamente ao aumento da população e das necessidades coletivas.”. (GRAMSCI, Q.22, §14, pp.2.176, 1977).

¹⁰ *Mosca e Roma*, artigo de janeiro de 1923 publicado originalmente em *Il Lavoratore*.
<< <http://www.sinistra.net/lib/bas/progra/vano/vanobbocid.html>>>.

Ao compreender, anos mais tarde, que a crise orgânica e a crise da hegemonia liberal dos partidos foram responsáveis por abrir espaço “às soluções de força, à atividade de potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos”, (GRAMSCI, Q.13, §23, pp.1.603-1.613, 1977) Gramsci entende a necessidade da ação dialética entre classe e partido revolucionário, o qual exerce a função de conduzir os demais partidos à unificação anticapitalista e antifascista com o objetivo de construir um novo bloco histórico.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. A contribuição à Crítica da Economia Política de Karl Marx In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega, s.d., v. 1. FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRESU, Gianni. **Antonio Gramsci, o homem filósofo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FRESU, Gianni. **Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.

GRAMSCI, A. **Lettere (1908-1926)**. Org. Antonio Santucci. Torino: Einaud, 1992.

GRAMSCI, A. **Lettere dal carcere (1926-1930)**. Org. Antonio Santucci. Palermo: Sellerio, 1992.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: L'Ordine Nuovo (1919-1920)**. Torino: Einaud, 1954.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: La costruzione del Partito Comunista**. Torino: Einaud, 1978.

GRAMSCI, A. **Opere di Antonio Gramsci: Socialismo e Fascismo (1921-1922)**. Torino: Einaud, 1974.

GRAMSCI, A. *Quaderni del Carcere*. Edizione Critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Roma: IGS, 1977.

LENIN, V. *La enfermedad infantil del "izquierdismo" en el comunismo*. In: Obras Escogidas en Doce Tomos. Tomo XI. Editorial Progreso: Moscou, 1977.

MUSSOLINI, B. *Opera omnia di Benito Mussolini XX: Dal viaggio negli abruzzesi al delitto Matteotti*. Editore Le Fenice: Firenze, 1956c; MUSSOLINI, B. *Opera omnia di Benito Mussolini XXI: Dal delitto Matteotti all'attentato Zabioni*. Editore Le Fenice: Firenze, 1956d

PACHUKANIS, Evguiéni. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RANCON, Catherine. *Angelo Tasca (1892-1960): Biographie intellectuelle*. Thèse en cotutelle franco-italienne en histoire. Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Ecole doctorale d'histoire, 2011.

SECCHIA, Pietro. *Le armi del fascismo (1921-1971)*. Milano: Feltrinelli Editore, 1971.

Recebido em 12 de fevereiro de 2023

Aceito em 13 de abril de 2023

Editado em maio de 2023